



NOGUEIRA, Simone do Nascimento.
Educação Infantil:
A escuta pedagógica
na formação de professores.
1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2023. 168p.

Maria Alzira Leite¹

O investimento em uma obra demanda leitura, pesquisa, estudo e escolhas. Essas ações, embora possam parecer óbvias, são influenciadas pelos percursos de letramentos do(a) autor(a). O exercício da escrita e da reescrita está intrinsecamente atrelado a uma memória “enraizada na experiência vivida” (Barros, 2018, p.1). A trajetória de Simone do Nascimento Nogueira é, nesse sentido, atravessada pelas realidades que a autora vivenciou enquanto educadora. Realidades que, muitas vezes, incluíram o silenciamento e/ou apagamento das vozes daqueles que integram os espaços socioeducativos.

Nessa linha, ao construir conhecimentos que promovem o diálogo e aprimoram as práticas docentes, a partir da ação e da reflexão (Freire, 2016), o trabalho ganha ‘corpo’ e se materializa como uma fonte de inspiração para pedagogos, professores e gestores. E, dessa forma, é possível vislumbrar uma transformação da escola em um espaço pedagógico mais acolhedor, afetivo e humanizado.

Simone do Nascimento Nogueira é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Sob a orientação da Profa. Dra. Maria Amélia do

1. mariaalzira35@gmail.com Atualmente, realiza estágio de Pós-Doutorado em Educação sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco (UNISANTOS). É doutora e mestre em Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa, e graduada em Letras e em Pedagogia. Além disso, possui especialização em Psicopedagogia, com foco em Educação Especial.

Rosário Santoro Franco, defendeu, em 2021, sua pesquisa intitulada '*Escuta pedagógica: uma possibilidade formativa de ressignificação da prática docente na educação infantil*'. Graduada e licenciada em Matemática e Ciências na mesma instituição, pedagoga pela Faculdade Don Domênico e pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade Nova Iguaçu, as suas discussões abrangem a educação infantil, a gestão escolar, a formação docente e a escuta pedagógica, fundamentadas na pedagogia freiriana.

A essência dos estudos da pesquisadora está alicerçada em um projeto de vida e também pedagógico de educação humanizadora. Nas linhas e entrelinhas de sua produção, em uma perspectiva crítico-emancipatória, assume o compromisso da luta, de resistência e da valorização do coletivo contra a repressão e a desumanização de crianças, jovens e adultos. Por isso, Nogueira (2023) defende iniciativas formativas ancoradas em um pensamento crítico tanto em universidades e escolas quanto em outros espaços educativos, como ação essencial para combater a desinformação, ao posicionamento frágil e aos retrocessos sociais.

A obra em referência está organizada em três capítulos, cada um com suas respectivas subseções, e integra a Coleção *Docência em Formação*. Essa coleção tem como propósito oferecer a docentes em formação e àqueles já atuantes na Educação subsídios para uma leitura reflexiva e crítico-analítica, alinhada tanto às legislações educacionais vigentes quanto às demandas e desafios da contemporaneidade.

Com o prefácio da Profa. Dra. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco, já é possível observar a magnitude do estudo de Simone do Nascimento Nogueira. Nesse viés, ressalta-se a urgência de ampliar pesquisas, debates e iniciativas voltadas aos processos formativos de professores e à prática docente na educação. Nas palavras de Franco, Nogueira dedica-se à construção e à mobilização de saberes, utilizando a escuta como uma práxis essencial para a formação docente. Essa práxis envolve um exercício crítico da realidade, sustentado por um diálogo coletivo e reflexivo. Dessa maneira, a articulação entre a prática docente e a prática de formação é fortalecida por meio da escuta, que se torna um elemento essencial na investigação, na formação, no desenvolvimento profissional docente e na Educação Infantil.

No capítulo I, *Escuta pedagógica: construindo diálogos com teóricos, pesquisadores e professores*, Nogueira convida o interlocutor a embarcar em um movimento conjunto de reflexão sobre a experiência de vida relacionada à escuta, bem como sobre as vivências formativas que contribuíram para humanizar a interação entre adulto/criança, abrindo caminho para a escuta pedagógica.

Assim, com cinco professores e uma pesquisadora, no contexto da Educação Infantil, a autora nos apresenta as 'cenas' de uma investigação, oferecendo análises profundas sobre a temática da obra, com relatos da pesquisa prática desenvolvida durante o doutorado.

Por meio de uma narrativa cuidadosamente construída, não apenas apresenta os conceitos teóricos, mas também socializa as experiências concretas que enriquecem a compreensão do tema, proporcionando ao interlocutor um diálogo entre a teoria e a prática.

Em seus escritos, a pesquisadora nos incita a compreender as nuances conceituais e semânticas que distinguem os termos ‘ouvir’ e ‘escutar’, realçando que o primeiro vocábulo está ligado à capacidade auditiva, ou seja, à percepção física dos sons. Como afirma Nogueira, “ouvimos vários sons, mas posso não escutar todos os sons que ouço” (p. 29). Isso significa que, embora possamos captar uma variedade de sons ao nosso redor, nem sempre lhe atribuímos significado ou atenção.

E continua esclarecendo que o ato de escutar ultrapassa a simples captação sonora. Exige uma postura ativa e intencional, envolvendo atenção, interpretação e engajamento. A autora frisa que “quando escutamos efetivamente algo, estamos indo além da captação de sons realizada por osso aparelho auditivo” (p. 29). Escutar implica, portanto, em uma disposição para compreender, interpretar e interagir com o que se ouve. Nesse ponto, o som auditivo passa a ser significativo na escuta.

Durante o texto, é possível notar que, embora os conceitos sejam distintos, eles são indissociáveis e se complementam. Ouvir é o ponto de partida, a base sensorial que permite a captação dos sons, enquanto escutar é o processo que dá sentido e profundidade ao que se ouve.

Diante disso, no decorrer de sua enunciação, a autora indaga se há espaço e tempo na escola para escuta. Esse questionamento oportunizou um resgate da prática para o entendimento da realidade. Nesse momento, Nogueira relata que os professores realizaram uma autoanálise, transitando entre passado e presente em suas reflexões. Durante esse processo, os docentes compartilharam elementos como “[...] a paciência, o tom de voz e a postura autoritária, que direta ou indiretamente relacionaram à escuta, ou, mais precisamente, à ausência de escuta no conjunto de suas práticas pedagógicas” (p.30). Esses aspectos relatados foram fundamentais para ampliar as possibilidades investigativas, permitindo uma compreensão da realidade escolar a partir do ponto de vista das crianças e de suas experiências no ambiente educacional. Dessa maneira, a escuta emerge como um ponto primordial para repensar as relações e práticas no cotidiano escolar.

Por conseguinte, a estudiosa afirma que a pesquisa-ação foi a metodologia que viabilizou a construção de um percurso investigativo, coletivo e colaborativo, envolvendo cinco professores e uma pesquisadora, no contexto da educação infantil. Essa abordagem contempla a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas; a criação de um diálogo e participação, em que os participantes têm espaço para externalizar pensamentos, refletir criticamente e produzir sentidos; um espaço de escuta e de realização de pesquisa, engajando-se em processo formativo na escola. Tal dinâmica, inspirada no pensamento pedagógico freiriano, valoriza a humanização das relações, a dialogicidade, o aprender junto, pesquisando e a construção compartilhada de saberes.

Simone do Nascimento Nogueira destaca que o ponto-chave da pesquisa-ação é a coparticipação. E, nesse âmbito, a teoria e a prática estão em uma integração, em um processo contínuo, reflexivo, “de compreensões sobre um problema investigado” (p. 34) e de intervenção

no contexto educacional. Consoante a pesquisadora, as “espirais cíclicas”, como tratadas por Franco (2005, 2012), abarcam a pesquisa como percurso de investigação da própria prática dos participantes.

Ainda nesse mesmo capítulo, Nogueira oportuniza uma discussão acerca da pesquisa-ação. A autora enfatiza que essa metodologia teve como base a escuta e o protagonismo docente. No contexto da educação infantil, os participantes – cinco professores e uma pesquisadora –, reunidos em um coletivo, refletiram e investigaram suas próprias práticas, partindo do princípio de que “a criança precisa ter a possibilidade de participar ativamente no contexto escolar, precisa ser percebida com intencionalidade” (p. 41). Logo, a formação docente se materializa nos encontros da pesquisa ação, por meio do “ato de pesquisar”, que se torna um espaço de co-produção e possível transformação da prática pedagógica.

No curso de sua exposição, Nogueira reforça que a “pesquisa ação é um poderoso procedimento para a formação do professorado” (p. 32). Nessa linha, há uma tessitura entre a participação e a colaboração concretizada por um coletivo que possui uma história, baseada em suas percepções, dúvidas, conhecimentos e descobertas.

No decorrer da obra, explora-se o percurso histórico e as características fundamentais da pesquisa-ação, enfatizando que, desde sua origem, os conceitos de “pesquisa” e “ação” estão intrinsecamente associados, conforme proposto por Kurt Lewin em 1946 (p. 32). Então, ela se constituía como uma “reflexão autocrítica objetiva e uma avaliação de resultados” (Pereira, 1998 *apud* Nogueira, 2023, p. 32). No entanto, a pesquisadora acentua que essa metodologia foi utilizada para pesquisas que contemplavam as técnicas de trabalho, ou ainda, estava atrelada a uma concepção de pesquisa participante. É fundamental considerar que a mudança de uma epistemologia mais positivista no campo educacional “se deu na medida em que incorporou a dialética da realidade social e os fundamentos de uma racionalidade crítica, pautada em Habermas, ocorrendo sua reaproximação da pesquisa em educação” (p. 33).

Nesse ponto, é viável mencionar que a autorreflexão atravessa a concepção de pesquisa-ação, envolvendo, então, a compreensão, a análise das transformações das práticas e uma formação mais crítica dos sujeitos. Por isso, na obra, retoma-se a citação de Franco, quando argumenta que:

O conceito de pesquisa-ação pedagógica [...] não se reduz a um mero procedimento de resolução de problemas práticos, mas configura-se como um meio de contribuir com a mudança de percepção do docente em relação às suas práticas. Este conceito pretende superar a concepção de colaboração, que pode configurar hierarquia desnecessária de saberes; ou seja, na pesquisa-ação somos todos coparticipantes, e não “doutores” que colaboram com os sujeitos da prática (Franco, 2018 *apud* Nogueira, 2023, p. 35).

Com isso, pode-se argumentar que o olhar investigativo, materializado por meio da pesquisa e da ação, ancorado em um coletivo co-participativo, pode não apenas impulsionar mudanças nas práticas pedagógicas, mas também transformar a percepção sobre essas mesmas

práticas. Nesse aspecto, a teoria e a prática – indissociáveis – abrem espaço para uma transformação do silêncio à escuta. Portanto,

aprender a partir da pesquisa, esse é um caminho que precisamos fecundar no contexto escolar; os professores precisam, podem e têm o direito de aprender, logo, é fundamental que possam participar de formações que se deem pela metodologia da pesquisa-ação (p. 35).

A autora ainda nos motiva a pensar sobre o que é a escuta pedagógica. É possível observar que a definição é diluída no decorrer do estudo e, enquanto leitores, também participamos da construção do conceito. Nogueira sinaliza que a escuta pedagógica está imbricada no “diálogo, na problematização da realidade e na reflexão crítica” [...] (p.39). Convém realçar que a escuta envolve a atenção, a observação e o diálogo. Nesse caso, a empatia é um dos elementos centrais. Em vista disso, ao se inserir no lugar do outro, a partir de uma intencionalidade pedagógica, busca-se enxergar a criança, valorizando-a, considerando a sua participação e o seu dizer. Nesse ponto, a amorosidade se faz presente, fortalecendo a presença, a escuta e a interação.

A autora pontua que, na pesquisa de campo, as escutas intencionais incluíam o diálogo com crianças de 4 e 5 anos. O objetivo era flagrar as percepções dessas crianças sobre a rotina escolar, o gosto pela escola e pelas atividades propostas, o que também abriu espaço para outros questionamentos e temas emergentes. As narrativas dessas crianças tornaram-se objeto de estudo nos encontros formativos da pesquisa-ação pedagógica. À medida que os registros em áudio eram escutados e analisados, buscava-se um movimento reflexivo, ao relacionar a teoria e a prática, na tentativa de compreender tanto as ações pedagógicas quanto a realidade revelada pelas falas das crianças. Por isso,

[...] as colocações do grupo de professores, que decorriam dessa prática da pesquisa, contribuíam para que entendêssemos melhor o comportamento, o raciocínio das crianças, conhecendo-as a partir do ponto de vista delas. Nesse processo, as análises críticas iam se configurando e permitindo que compreendêssemos, a partir do ato de escutar, uma teoria que até então parecia distante do contexto escolar (p. 43).

O movimento reflexivo a partir da escuta oportuniza compreender o conteúdo da escuta, a prática docente, a partir do ponto de vista do outro, o teor conceitual que atravessa esse dizer, e ainda, o exercício crítico no delinear desse movimento. Há, nesse cenário, um descorinar do real vivido pelos professores, isto é, da rotina da sala de aula, de alguns “aspectos da prática [que] passam despercebidos e acabam engessando as crianças e os adultos” (p. 45).

A escuta pedagógica, segundo Nogueira, demanda também conhecimento e letramento crítico, para reconhecer os alicerces de uma racionalidade instrumental que formam cidadãos autômatos. Sendo assim, a pesquisadora observa que “a reflexão crítica, a pesquisa e o coletivo são o caminho, aqui proposto, para a construção do pensamento autônomo” (p. 50).

A pesquisadora revela que a reflexão coletiva possibilita a indagação e não apenas as respostas automáticas. Esse movimento desencadeia o fortalecimento do comprometimento e do engajamento docente, além de favorecer um olhar crítico sobre a realidade, opondo-se a um saber fazer pautado apenas no treinamento, na redução da formação integral do ser humano e no autoritarismo. Dessa forma, destaca-se a importância de uma prática reflexiva e contextualizada, que transcende uma reprodução que envolve o educar; o ensinar e o aprender.

No capítulo II, *A Escuta – Percursos de Vida e Profissão*, Nogueira vai nos fornecendo pistas de como a escuta permeia as histórias dos profissionais – participantes de pesquisa. Em tom indagativo, ao convidar os participantes da pesquisa para essa reflexão, a autora, nas entrelinhas, também nos instiga a pensar sobre a nossa experiência com a escuta: assim, como os participantes da pesquisa, será que fomos, ou somos escutados? Ora, o tempo, o espaço, a rotina, as demandas do dia a dia, às vezes, dificultam o entendimento da ação de escutar. E em sua pesquisa, notou que “investigar a própria prática era algo novo para os docentes, e fazê-la a partir da escuta era ainda mais novo” (p. 65).

Em face disso, houve a necessidade de um momento no qual os educadores puderam vivenciar e compartilhar a escuta, ou melhor, como denominada por Nogueira, uma “autoescuta” dos percursos de vida, das narrativas das histórias pessoais; uma escuta da/na e para a prática. Dando prosseguimento, a autora sublinha que o resgate das memórias escolares foi importante para a construção de uma via investigativa, tendo em vista uma escuta das crianças com intencionalidade pedagógica. Logo,

estabelecer relação entre o vivido por cada docente no passado, na época da escola como crianças, adolescentes e jovens, e a própria prática docente que estavam investigando, contribuiu para que eles fossem compreendendo que a educação que receberam os silenciou, e, silenciando, os oprimiu, compreensão que trouxe a forte presença da educação bancária em suas histórias de vida (p. 73).

É possível dizer que essa educação ainda se faz presente em um agir acrítico. Na verdade, ela compõe a formação dos próprios docentes. Por isso, a “autoescuta” incitou o estudo teórico, à reflexão crítica sobre um sistema de poder que ainda paira nas escolas, reforçando o lugar de fala soberano do professor, e, por outro lado, o silenciamento da criança.

A partir disso, “dialogando, os professores resgataram o passado e pensaram na formação que tiveram, e [a] associaram com a educação que ofereciam às crianças” (p. 75).

A articulação entre a teoria e a prática, a pesquisa e o estudo oportunizaram fundamentos e argumentos para que pudessem problematizar as próprias verdades, haja vista a rede de apagamento da qual faziam parte. É possível acentuar que o resgate das memórias permitiu a reelaboração de suas percepções relativas à educação, que consideravam inadequadas, haja vista uma educação humanizada para a criança.

Nogueira destaca que pesquisas atuais apontam para um cenário na Educação Infantil onde ainda há prevalência de uma restrição verbal da criança. As atitudes autoritárias pos-

suem espaço nas práticas docentes e isso se reverbera na formação de professores. Nesse sentido, “as práticas autoritárias não nascem com os professores, elas decorrem de uma história de silenciamento gestada no próprio percurso de formação docente” (p. 88).

Ao resgatar uma sequência histórica da formação docente, é possível perceber, por exemplo, uma “ausência de uma política educacional voltada para a infância” que valorizasse a criança como sujeito de direitos. Sobre isso, a autora evidencia que essa lacuna contribuiu “para que a formação do professor da pré-escola não fosse tratada com a devida atenção e prioridade” (p. 83).

Considerando isso, é fundamental uma formação docente que vá além do discurso e transcenda as prescrições das resoluções e diretrizes do curso de Pedagogia. Nogueira mostra que as mudanças nas legislações trouxeram aspectos positivos e negativos para a construção da identidade desse curso. No entanto, ainda há um quadro de cerceamento da autonomia e da criatividade do professor, reforçando a passividade e, em última instância, a domesticação. Nessa toada, “a formação que decorrerá dessas orientações implementadas de forma acrítica não resultará em mudanças para melhorar a formação que historicamente silencia os professores” (p. 90).

A autora pontua que, no seu estudo, os professores revelam marcas de uma formação instrumental, o que faz de um sujeito um objeto e não um sujeito do processo de formação. É relevante observar que, quando os espaços formativos incorporam a prática da leitura, da interpretação, do pensamento crítico, das capacidades avaliativa e autoavaliativa, possibilita-se o (re)conhecimento das bases político-ideológicas que sustentam uma proposta curricular institucionalizada. Se não há esse investimento, é possível que o “professor inicie sua carreira sem realizar tais reflexões e assim continua, o que favorece o exercício acrítico da docência” (p. 91).

Perante exposto, Nogueira descreve que os professores participantes de sua pesquisa, até aquele instante, não haviam vivenciado, em seu desenvolvimento profissional, momentos de reflexão sobre o currículo. A experiência formativa em questão passou a propiciar um olhar humanizado sobre a própria prática docente. Os momentos de diálogo, à medida que a pesquisa avança, contribuíram significativamente para o amadurecimento daquele grupo. Por esse motivo, a autora assume que “as formações precisam se comprometer com o rompimento do ciclo sujeito/objeto [...]”, e nessa esteira, “é preciso assumir a pedagogia freiriana como alicerce nos processos formativos” (p. 93).

Sendo assim, ao vivenciar uma formação problematizadora, o professor socializa as dúvidas e as fragilidades reveladas pelas formações superficiais. Por meio de um processo dialógico, os professores participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de (re)criar tessituras da metodologia que possibilitassem a escuta das crianças.

No III capítulo, *A escuta se constituindo pedagógica*, Nogueira apresenta o processo no qual a escuta das crianças foi se constituindo como pedagógica. Isso se deu a partir da pesquisa da

própria prática realizada pelos professores. Nela, houve reflexão, aprendizado, criação e o (re) conhecimento da realidade pelo olhar de todos os envolvidos.

A autora motiva os leitores a acompanharem a dinâmica formativa experienciada pelos cinco docentes que se dispuseram a examinar a sua própria prática pedagógica, tendo como ponto de partida a escuta das crianças. É válido observar que, nesse ponto, “[...] as palavras, os detalhes, as ideias e reflexões críticas, que os diálogos trazem, foram fundamentais para que ocorresse, como resultado da formação continuada, a constituição da práxis da escuta” (p. 111).

Nogueira salienta que a indagação, a observação e a pesquisa integram a essência da prática docente. Outrossim, a pesquisa pressupõe propósito, intenção e organização. Além disso, exige uma vivência, uma vez que aquilo que é experienciado passa a integrar de forma permanente a trajetória do sujeito e, desse modo, é incorporado de maneira significativa, permitindo que ele se reconheça e se assuma como pesquisador. Por isso, a compreensão do que é pesquisa não é pelo discurso e/ou pela prescrição, mas sim, pela ‘atividade sentida’.

A autora salienta que “a escuta pedagógica foi o caminho para que os cinco docentes se assumissem pesquisadores” (p. 113). A autora detalha que os professores expressaram seus posicionamentos diante da realidade, baseados em suas experiências de vida. Nessa configuração, os participantes, por meio da pesquisa, iniciaram uma nova jornada em direção à escuta, fundamentado em um desenvolvimento profissional que, até então, lhes era desconhecido. Assim, “escutar as crianças e viver a experiência de pesquisar a própria prática fez com que o estranhamento diante da pesquisa fosse superado” (p. 113).

Os resultados da investigação revelam que as formações devem partir da realidade que todos estão inseridos. Ademais, é necessário contemplar a construção coletiva de conhecimentos e não pacotes de prontos, reduzidos e homogêneos, distantes das realidades dos professores e das crianças. Inclusive, a autora nos alerta que:

lidamos atualmente com normatizações e diretrizes tecnicistas, como a Resolução CNE/CP no. 1/2020 (BRASIL, 2020) em vigor, que formaliza a mercantilização da formação continuada em larga escola, permitindo que “organizações especializadas” possam oferecer esta modalidade de formação, concorrendo ou substituindo a formação no locus escola (p. 114).

Diante desse cenário, é fundamental dizer que as formações na escola validam a experiência concreta, evidenciando o valor pedagógico do processo formativo e assegurando o direito do professor de constituir e integrar coletivos de pesquisa no ambiente educacional, promovendo a transformação de sua realidade. Esse processo desafia as estruturas estabelecidas no cenário educacional.

Nogueira especifica que, em sua pesquisa, os professores tiveram a oportunidade de estudar, ler e buscar informações que contribuíram para a construção de conhecimentos sobre a escuta. Nesse processo, eles investiram em estratégias tanto individuais quanto coletivas que favoreceram a escuta das crianças, haja vista as dinâmicas da escola. Assim, os professores

passaram a aprender a investigar sua própria prática de maneira processual e coletiva, em um ciclo contínuo de ação/reflexão/ação. Nesse movimento, embora inicialmente se posicionassem dizendo que determinadas condições não favoreciam a escuta, os docentes começaram a perceber a importância de ouvir e reconhecer a necessidade de aprimorar essa prática.

É importante registrar, nesse viés, que as contradições tensionaram as crenças, e as concepções, juntamente com as dificuldades reais que surgiam na investigação da prática, impulsionaram os docentes a refletirem, compartilharem suas inquietações, discutirem os novos saberes e criarem novas possibilidades de escuta.

A autora comenta que, ao longo da formação continuada, os professores gradualmente aprenderam a escutar as crianças e passaram a organizar as rotinas com esse objetivo. Aos poucos, os docentes foram se reconhecendo em suas práticas, percebendo como atuavam e desenvolviam novas abordagens, e constatando sua capacidade de intervir na realidade, buscando modificá-la.

Simone do Nascimento Nogueira nos lembra que “escutar pedagogicamente é reconhecer a alteridade da criança, reconhecer seus tempos de aprendizagem e seus direitos” (p. 150). Essa escuta está imersa na humildade, na paciência e na amorosidade. O acolhimento da fala e a profundidade da escuta refletem diretamente na constituição da prática pedagógica, permitindo que a criança seja ativa e colaboradora em seu processo de aprendizagem, com base em uma educação humanizada.

Rumo às Palavras Finais, a autora ressalta, em sua obra, que a escuta pedagógica é um caminho de aprendizagem tanto para crianças quanto para professores. Nesse ponto, Nogueira apresenta proposições relacionadas à formação docente inicial do professor polivalente: a) integrar a escuta pedagógica na formação docente, superando a proposta utilitarista de formação presente na Base Nacional Comum de Formação, que foca no saber-fazer; b) desenvolver e fortalecer políticas públicas existentes; c) incentivar e desenvolver projetos nas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, procurando instigar a articulação do Projeto Político-Pedagógico das unidades escolares com a formação continuada na escola, por meio da pesquisa-ação.

A obra *Educação Infantil: a escuta pedagógica na formação de professores*, de Simone do Nascimento Nogueira, apresenta-se como uma contribuição significativa para o campo da educação, especialmente no que diz respeito à formação docente e à prática pedagógica na educação infantil. A autora, com base em uma perspectiva crítica e humanizadora, propõe a escuta pedagógica como um eixo central para a transformação das relações pedagógicas, destacando a importância do diálogo, da reflexão coletiva e da valorização das vozes das crianças, por meio da escuta, no processo de ensino e aprendizagem.

No desenrolar dos capítulos, Nogueira não apenas teoriza sobre a escuta pedagógica, mas também compartilha experiências concretas da pesquisa-ação, demonstrando como essa prática pode ser implementada no cotidiano escolar. A obra é um chamado aos educadores

para que ressignifiquem suas ações pedagógicas, se engajem em processos formativos contínuos que envolvam pesquisa, assumindo, assim, uma postura reflexiva e crítica diante dos desafios da educação.

A relevância do livro está na sua capacidade de articular teoria e prática, oferecendo subsídios para que os pedagogos, professores e gestores possam transformar a escola em um espaço mais acolhedor, democrático e humanizado. Portanto, o trabalho de Simone do Nascimento Nogueira é um convite à reflexão das próprias práticas e à ação transformadora. É, ainda, uma convocação à resistência contra os modelos educacionais opressores. O livro, portanto, nos convida ao letramento crítico e à luta por uma educação que preze pela autonomia, pela humanização e pela valorização de todos os envolvidos no processo educativo. É, sem dúvida, uma leitura indispensável para aqueles que almejam transformar a educação infantil em um espaço de diálogo, respeito, escuta ativa e aprendizagem mútua, onde as vozes das crianças e dos professores possam ecoar de forma emancipadora.

Referências

- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas** - 1 ed. - Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788556520647/memorias-inventadas?idtag=8b590d5a-7d0b-42b9-ac24-Acesso> em: 23 março de 2025.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, no. 3, set./dez. 2005.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo Freire. **Pedagogia do Oprimido**. 62. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

Enviado em 25 de março de 2025

Aceito em 3 de abril de 2025